

AS CONDIÇÕES DE VIDA DAS MULHERES ENVELHECIDAS EM MANAUS:

Elementos para debate.

Nathalie Santana de Melo¹

RESUMO

Buscamos analisar em que condições as idosas manauenses estão envelhecendo, uma vez que se trata de um segmento populacional que vem crescendo de maneira acelerada e dinâmica no tecido social. Constatamos a partir da análise dos resultados as dificuldades que estas idosas enfrentam ao envelhecer dado às desigualdades de gênero e de classe que vivenciam.

Palavras-Chave: Mulher, Envelhecimento, Condições de Vida.

ABSTRACT

We analyze the conditions under which the elderly are aging Manaus, since this is a population segment that is growing at an accelerated pace and momentum in the social fabric. We see from the results analysis the difficulties they face in old age because gender inequalities and class experience.

Keywords: Women, Aging, Living Conditions.

1. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade onde a juventude e a beleza ocupam lugar de destaque envelhecer torna-se um problema, principalmente para as mulheres. A própria mídia alimenta a visão de que juventude é sinônimo de beleza e saúde, e velhice é associada à doença, feiúra e improdutividade. Essa estigmatização é agravada quando se trata especificamente do envelhecimento das mulheres das camadas mais baixas da sociedade.

De acordo com Ammann (1997) para compreender a discriminação contra as mulheres é necessário recuar às épocas mais remotas da história da humanidade. Segundo esta autora, a subalternização da mulher não ocorre apenas no âmbito da família e do trabalho, mas nos sistemas educacionais, culturais, jurídicos, morais e etc.

O envelhecimento é um fenômeno que atinge todas as classes sociais, entretanto, o modo de vivenciá-lo varia em cada uma delas. Por exemplo, “é para os idosos das classes destituídas de propriedade que o envelhecimento constitui um problema social, haja vista que existem determinações da sociedade capitalista que engendram vulnerabilidade social quando há o avanço da idade cronológica” (TEIXEIRA, 2008, p. 23). Portanto, não é para

¹Estudante de Pós-graduação. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). nathalie_samel@hotmail.com



todas as classes que o envelhecimento configura-se como um problema, somente para os que são expropriados dos meios de produção.

É importante ressaltar que a velhice é percebida de maneira diferente por uma mulher pobre, se comparada a uma mulher da classe mais abastada. As “velhas” que possuem algum *status* não são chamadas de velhas, são chamadas pelo nome ou reconhecidas pelo papel que desempenham na sociedade. Desse modo, parece que nas classes mais abastadas não existe velhice. Por isso, os sujeitos deste trabalho são as *idosas* da camada popular, dependentes de políticas públicas.

As mulheres envelhecidas das camadas subalternizadas sofrem triplo preconceito: por ser mulher, por ser pobre e por ser idosa. Dependendo da etnia da qual faz parte esse preconceito pode ser ainda maior.

Cumpramos assinalar também que “a velhice é uma experiência que se processa diferente para homens e para mulheres, tanto nos aspectos sociais como nos econômicos, nas condições de vida, nas doenças e até mesmo na subjetividade” (BERZINS, 2003, p. 28). Diante dessa questão, objetivamos neste trabalho analisar as condições em que as idosas das camadas mais baixas da sociedade estão envelhecendo.

Para isso utilizamos dados de uma pesquisa financiada pelo CNPq realizada no período de 2008 a 2009, na qual participaram 30 idosos, sendo 15 homens e 15 mulheres de três Unidades Básicas de Saúde da cidade de Manaus (31 de Março, Vicente Pallotti e Bianca de Carvalho) para destacar as diferenças de gênero. As entrevistas foram realizadas por meio de formulários semi-estruturados.

O Brasil está vivenciando um período de transição demográfica, em que está configurado o aumento da população idosa. Ao mesmo tempo em que essa constatação é positiva, pois, significa que a expectativa de vida do brasileiro aumentou, também é preocupante, pois, as desigualdades sociais se acentuam cada vez mais. Ou seja, muitos brasileiros estão vivendo mais, sem necessariamente dispor de melhores condições de sobrevivência. É diante desse quadro que buscamos compreender a situação em que as idosas pobres estão vivenciando o processo de envelhecimento.

2. AS CONDIÇÕES DE VIDA DAS IDOSAS NA CIDADE DE MANAUS

Para compreender o fenômeno do envelhecimento é preciso considerar as diferentes dimensões envolvidas nesse processo que são: diferenças de classe, gênero, etnia,



educação, renda, e outros. O envelhecimento não é apenas um fator biológico, mas também social, político e cultural.

Como não existe um consenso sobre a partir de quando uma pessoa é considerada idosa a idade cronológica é, portanto, o principal indicador a ser considerado para compreensão da velhice. Mas é necessário entender as diferentes dimensões do processo de envelhecimento, pois ele não é uniforme para todos os indivíduos.

É importante destacar que existe uma feminização do envelhecimento. Segundo a PNAD de 2005 as mulheres são maioria neste grupo numa razão de 62 homens para cada 100 mulheres. De acordo com Veras (2003) algumas hipóteses explicam porque as mulheres vivem mais que os homens, entre elas estão a diferenças no consumo de álcool e tabaco, que são fatores de risco associados a doenças cardiovasculares, pois, homens costumam fumar e beber mais que mulheres; diferenças na exposição de risco, haja vista, que acidentes de trânsito e homicídios são quatro vezes mais frequentes com homens que com mulheres; e diferença em relação ao uso de serviços médicos, uma vez que as mulheres têm melhor percepção da doença e fazem uso mais constante dos serviços de saúde que os homens.

De fato a pesquisa constatou que 46% das idosas entrevistadas eram viúvas, sendo que apenas 7% dos homens encontram-se nessa condição. De acordo com Veras (2003, p. 07), em quase todos os países o número de viúvas é maior que o de viúvos, pois, as mulheres constituem a maioria da população idosa, conforme dados da PNAD anteriormente citados. Assim, devido à longevidade feminina, a probabilidade de tornarem-se viúvas é maior que com os homens.

Segundo Berzins (2003) até o início da década de 1960, o acesso à educação era restrito às classes sociais mais altas principalmente aos homens. Às mulheres cabia apenas desempenhar o papel de esposas, mães e donas-de-casa, por isso são raras aquelas que obtiveram diploma de primeiro ciclo.

Ao verificar o nível educacional das entrevistadas, a pesquisa revela que as idosas participantes das unidades básicas de saúde da zona sul possuem baixos índices escolares. Apesar de nenhuma das idosas serem analfabetas, apenas 7% concluíram o ensino médio, diferentemente dos 33% de homens. Outro dado que comprova que os homens tiveram maior acesso à educação é quando se observa a distribuição das porcentagens. Enquanto os dados dos homens se distribuem entre ensino médio e fundamental, a maior porcentagem das mulheres se concentra na alfabetização funcional, 27% para homens e 73% para mulheres. Uma idosa (65 anos, atualmente costureira, parou de estudar na 5ª série) mostra o seu pesar por não ter concluído os estudos:

Fico triste por não ter terminado os estudos, mas como casei e tive filho cedo, não pude continuar. Não tinha tempo por que além de ter que cuidar dos meninos, precisava lavar e passar pra fora, para ajudar em casa. Fui deixando pra depois e nunca mais voltei... (M. S. / 2009)

Alfabetização funcional aqui é compreendida como o domínio de habilidades de leitura, escrita, cálculos e ciências, em correspondência a uma escolaridade mínima de quatro séries completas - antigo ensino primário - (IBGE, 2006).

Observamos desse modo a clara desvantagem das idosas em relação aos idosos, uma vez que seus baixos índices educacionais interferiram diretamente no nível de renda. Na sociedade capitalista, a educação ainda é um dos principais meios de reduzir a má distribuição da riqueza.

Berzins (2003) aponta que as desigualdades entre homens e mulheres alteram as condições de saúde, renda e dinâmica familiar. Para essa autora, as mulheres possuem mais desvantagens que os homens, uma vez que são as que mais sofrem violência doméstica, discriminação, baixos salários, dupla jornada dentre outros. A autora destaca ainda que ao se considerar os aspectos da velhice não podemos deixar de usar o recorte de gênero que é determinante do lugar que idosos e idosas ocupam na vida social.

A pessoa envelhecida, principalmente as idosas são muitas vezes consideradas como fardo econômico para o Estado e para a sociedade. Entretanto, o Censo de 2005 (PNAD) verificou que 65,3 % dos idosos eram responsáveis pela renda familiar, deste total mais da metade é constituído por mulheres. Isso significa que sua renda (aposentadorias, pensões e benefícios), mesmo baixa, tem garantido o sustento de inúmeras famílias brasileiras e tem contribuído bastante com a economia nacional.

De acordo com Medeiros (2003), geralmente quando os idosos ou idosas são tratados como peso, a referência é somente aos gastos com a previdência ou com sua saúde. Essas referências não mencionam as significativas contribuições das idosas à sociedade, pois, muitas delas abrigam e sustentam filhos desempregados ou separados, cuidam dos netos, levando-os para escola, além de terem trabalhado a vida toda, dentre outras contribuições.

O índice de coabitação familiar revela que a esfera privada da família é o principal lugar que as idosas desta pesquisa envelhecem. Peixoto (2004) declara que a co-residência é um fenômeno comum nas famílias brasileiras, principalmente nas camadas populares. Esta autora elenca diversos fatores que contribuem com este fenômeno, entre eles estão: divórcio, viuvez, filhos desempregados e/ou separados, solidão, dentre outros.

Os dados da pesquisa confirmam essa assertiva quando evidenciam que os 53% das idosas que moram apenas com filhos e netos, são viúvas ou divorciadas que recorrem ao apoio moral dos filhos quando ocorre o desligamento com o cônjuge. Desse modo, ou elas



vão morar na casa de algum filho, ou um de seus filhos retornam à sua casa a fim de ajudá-la. Assim, a co-residência contribui para a solidariedade familiar. Mas é importante ressaltar que Por outro lado, nem sempre o fato de viver com filhos é garantia de segurança e bem estar. Estudiosos apontam que denúncias de violência física contra os idosos são mais freqüentes quando diferentes gerações convivem na mesma residência.

Ammann (1997, p. 90) destaca um importante dado quando aponta que “mesmo trabalhando mais, mulher tem uma renda inferior à do homem, seja pela gratuidade das atividades domésticas, seja por salários inferiores no mercado formal”.

As idosas entrevistadas trabalharam preponderantemente com serviços domésticos remunerados, devido aos baixos índices educacionais e à criação que tiveram, pois eram preparadas para cuidar do lar e da família. Peixoto (2004, p.65) assinala que: “Esta educação familiar que prepara os filhos para o trabalho e as filhas para a vida doméstica é mais visível nas camadas populares, onde as mulheres resistem menos às pressões familiares e às dificuldades escolares, deixando de lado seus projetos profissionais”.

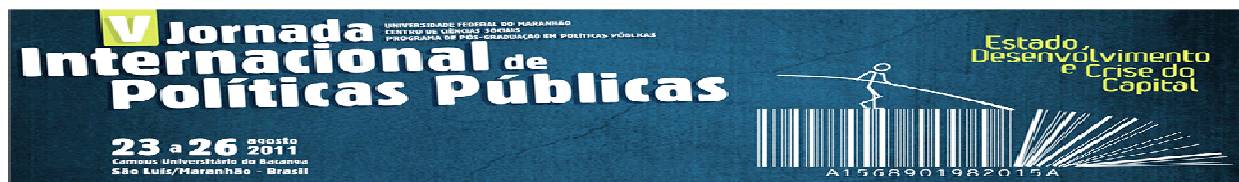
Muitas delas exerciam essas atividades domésticas desde a infância, entretanto afirmam que quando casaram seus maridos as proibiam de trabalhar fora, por isso, pararam de trabalhar durante algum tempo. Todavia, precisavam ter renda para ajudar no custeio do lar, passaram então, a trabalhar dentro de suas próprias casas, com lavagem de roupa, costura, comércio, dentre outros.

Apenas 40% das mulheres entrevistadas tiveram acesso ao mercado formal diferente da maioria dos homens (73%), o que interferiu diretamente nos níveis e renda e acesso a aposentadoria. Os depoimentos das idosas revelaram que algumas tiveram poucos anos de contribuição para previdência, outras trabalharam preponderantemente no mercado informal. O trabalho formal foi mais marcante para os homens, pois estes tiveram maior índice de escolaridade, e quanto maior o nível educacional maiores as possibilidades de participação no mercado formal de trabalho.

De acordo com Peixoto (2004) a renda das mulheres é mais baixa, pois as atividades que desempenharam são menos remuneradas que as dos homens. Muitas delas apenas recebem pensão do marido, como é o caso daquelas que trabalharam no setor informal.

Apesar de as atividades domésticas não serem muito valorizadas, segundo as idosas, e nem mesmo consideradas trabalho, por não estarem submetidas às responsabilidades inerentes a um emprego formal, a contribuição econômica para suas famílias foi inegável. Todavia, a realização deste tipo de atividade impediu o acesso à aposentadoria.

Camarano (2002) *apud* Berzins (2003, p.30) afirma que as famílias brasileiras que possuem idosos estão em melhores condições econômicas do que as demais famílias.



Vários idosos entrevistados assinalaram o quanto a sua família depende deles para se manter.

Este estudo demonstrou o perfil econômico e social das idosas, conseqüentemente o difícil acesso à qualidade de vida, uma vez que a maioria possui baixos índices educacionais e baixa renda, o que dificultou o acesso ao trabalho formal, à alimentação balanceada, aos bens e serviços essenciais. Por isso analisamos também suas condições de saúde, levando em consideração o modo como cuidaram dela desde a juventude até agora, pois, parte-se do pressuposto que o aparecimento de doenças está relacionado ao “estilo de vida”.

Dentre os idosos entrevistados, apenas 17% buscaram serviços médicos na juventude, sendo que do total de mulheres apenas 7% buscavam os serviços de saúde contra 27% dos homens. Aqueles que não utilizaram os serviços médicos quando jovens, afirmaram que não o fizeram porque tomavam remédios caseiros para cuidar da saúde ou simplesmente não buscavam porque o acesso a estes serviços era mais difícil, uma vez que se restringia à população contribuinte.

Os homens, portanto, cuidaram mais de suas saúdes que as mulheres, e quando perguntados os motivos 20 % deles responderam que as empresas em que trabalharam é que exigiam exames periódicos, comprovando assim, o interesse em manter uma mão-de-obra saudável.

Outra importante questão que a pesquisa revela é o significado da velhice para essas idosas e como se sentem nessa fase da vida. Algumas afirmam não se sentir “velha”, pois ainda têm força e capacidade funcional para viver de forma independente, apesar do aparecimento de doenças. Para outras, ser idosa não é bom, pois vivem doentes, por isso, sentem falta da juventude, de quando podiam trabalhar, outras ainda, mencionam a existência de atitudes preconceituosas, na qual a velhice é apontada como algo “feio”, como um problema para a sociedade.

É interessante observar que as entrevistadas que não se consideram “idosas” são as que ainda trabalham ou participam de grupos de convivência. Para elas, a identidade de velha foi inteiramente rejeitada, mesmo com a incidência de doenças. Estas afirmam ter “espírito jovem” e possuir muitas coisas ainda a realizar.

Para as idosas entrevistadas, os principais fatores encontrados que fazem do envelhecimento algo positivo são os direitos conquistados e a liberdade adquirida - muitas idosas relataram que tinham maridos muito ciumentos, que as proibiam de trabalhar fora, de ter amigos, e agora viúvas podem sair, se divertir.

As considerações das idosas que vêem o envelhecimento como um fator negativo estão intrinsecamente relacionadas às doenças crônicas, à incapacidade para o trabalho e às mudanças na aparência, como: cabelo branco, pele enrugada etc.

Essas percepções sobre o envelhecimento ratificam que ele é processo comum aos indivíduos, mas seus significados variam de acordo com a vivência de cada um. Como afirmado por Rocha (1998, p. 28), o envelhecimento é natural, universal, mas é também cultural e social.

Para as entrevistadas (e também com os idosos), o envelhecimento possui aspectos positivos e negativos. De fato, o envelhecimento acarreta diversas mudanças, sejam nas relações sociais, no corpo, na mente, no modo de viver. Junto a estas mudanças têm também os direitos alcançados, que precisam ser reconhecidos e viabilizados, pois, como observado nesta pesquisa, as pessoas idosas possuem demandas bastante específicas que necessitam ser sanadas, como por exemplo, o acesso à educação.

Deve-se reconhecer a importância de conhecer a realidade dessas idosas e reconhecê-las como sujeitos de direitos que já contribuíram - e continuam contribuindo - com a sociedade. Cabe, agora, que a sociedade e o Estado assumam a responsabilidade, garantida por lei, de minimizar as desigualdades por elas vivenciadas e criem condições de um envelhecimento digno, ativo e saudável.

Segundo Bruno (2003) os próprios idosos devem buscar seu espaço social, nesse caso daremos ênfase às idosas tendo em vista a situação de desigualdade verificada na pesquisa, afinal, uma categoria social legítima se forma "incomodando". Boff (1999) *apud* Bruno (2003, p.78) é incisivo ao afirmar que "a libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça e sua situação, se organizam entre si e começam com as práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais iníquas".

Em suma, não bastasse a discriminação de gênero, classe, idade, as mulheres das camadas subalternas ainda enfrentam dificuldades ao envelhecer. Não basta viver muito, é necessário viver com qualidade e dignamente. É necessário reconhecer a importância e o significado dessas mulheres em nossa sociedade, afinal, "são elas as responsáveis pela transmissão do conhecimento na família e na escola, porém, é necessário aprofundarmos o conhecimento nas relações de gênero para se obter uma sociedade menos discriminadora" (RAMOS, 1998, p.204).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas não se percebem caminhando para o envelhecimento, diante disso, as principais concepções disseminadas sobre a velhice são estigmatizadoras. Muitos acreditam que ser velho significa ser só, viver doente, ser ranzinza, dependente. Poucos reconhecem que os idosos deste país são cidadãos, homens e mulheres, que depois de muitos anos de trabalho e de vida ativa não merecem tantos estereótipos e precisam que seus direitos sejam concretizados. Para rever esses estereótipos e conquistar um novo significado de velhice, o exercício da cidadania é imprescindível.

Para Beauvoir (1990) essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa no trato às pessoas envelhecidas, principalmente no trato às idosas (Grifo Nosso). Mas, com a inserção delas em grupos de discussão, fóruns, associações e diversos outros, poderão ser estabelecidas, paulatinamente, ações que viabilizem seu acesso aos direitos de cidadania garantidos por lei. Esses espaços de discussão podem levar as idosas a se perceberem como cidadãs e contribuir para formação de sujeitos sociais ativos.

As condições de vida destas idosas são resultados de suas vivências pessoais e da história da cidadania da sociedade em que vivem. Não bastasse os preconceitos contra as mulheres idosas, estas por sua vez enfrentam grandes dificuldades ao envelhecer. Possuem níveis educacionais mais baixos, conseqüentemente menor qualificação e menor acesso ao mercado formal de trabalho, são majoritariamente viúvas, responsáveis pelo sustento das famílias, além de serem acometidas por doenças crônicas.

Em síntese, para romper com as desigualdades e com os estigmas associados às mulheres envelhecidas é necessário respeitá-las como sujeitos históricos, levando em consideração suas trajetórias de vida e buscar espaços para o exercício de sua cidadania, pois, envelhecer com dignidade é uma responsabilidade do Estado, da sociedade e da família.

REFERÊNCIAS

- AMMANN, Safira Bezerra. Mulher: trabalha mais, ganha menos, tem fatias irrisórias de poder. In: Revista Serviço Social e Sociedade, Mínimos Sociais e Exclusão Social. Ano XVIII. N°55, Editora: Cortez, 1997.
- BEAUVOIR, S. A velhice. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva. Envelhecimento populacional: uma conquista a ser celebrada. In: Revista Serviço Social e Sociedade, Velhice e Envelhecimento. Ano XXIV N°75, Editora: Cortez, 2003.
- BOFF, Leonardo. Saber Cuidar. Petrópolis, Vozes, 1999.
- BRUNO, Marta Regina Pastor. Cidadania não tem idade. In: Revista Serviço Social e Sociedade, Velhice e Envelhecimento. Ano XXIV N°75, Editora: Cortez, 2003.



- CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2002.
- INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000- 2006.
- MEDEIROS, Suzana A. Rocha. Como pensar a vida. In: Revista Serviço Social e Sociedade, Velhice e Envelhecimento. Ano XXIV N°75, Editora: Cortez, 2003.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: Família e envelhecimento. RJ: FGV, 2004.
- RAMOS, J. G. B. Relações de Gênero: Trabalho e Educação. In: BAÇAL, Selma (org.). Trabalho, Educação, Empregabilidade e Gênero. EDUA, 2009.
- ROCHA, Gilmar. Sob o Signo de Saturno: Reflexões antropológicas em torno da velhice. Caderno Serviço Social, Belo Horizonte, 1998.
- TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento e trabalho no tempo de capital: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.
- VERAS, Renato. A longevidade da população: Desafios e conquistas. In: Revista Serviço Social e Sociedade, Velhice e Envelhecimento. Ano XXIV N°75, Editora: Cortez, 2003.